

**LÍNGUA E CULTURA NO VALE DO JEQUITINHONHA:
O LÉXICO RURAL NA REGIÃO DE MINAS NOVAS**

Maryelle Cordeiro
maryellecordeiro@gmail.com

1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo o estudo do léxico rural no Vale do Jequitinhonha, especificamente na região de Minas Novas.

A região historicamente denominada Minas Novas está inserida em área que foi uma das zonas de mineração durante o período do Ciclo do Ouro em Minas Gerais. O estudo propõe evidenciar os aspectos históricos, sociais e culturais da região, destacando-se a importância da forma de ocupação do território em virtude da mineração.

Nos últimos tempos, tem-se notado significativo desenvolvimento dos estudos científicos que abordam questões relacionadas à variedade linguística e aos diversos níveis apresentados pela linguagem. De maneira geral, tais pesquisas buscam mostrar as relações existentes entre língua /sociedade e língua/cultura, de modo a serem observados os fatores extralinguísticos que influenciam o fenômeno da variação e diversidade linguística.

Dentre os elementos que constituem a língua, o léxico é o que mais reflete as mudanças e as variações linguísticas, em função de seu papel de dar nomes, identificar, caracterizar pessoas, locais, sentimentos e sensações.

Todos esses fatores tornam o acervo lexical um reflexo das transformações socioculturais de uma população e fazem parte de uma categoria aberta a criações e inovações do vocabulário, nos mais diferentes registros linguísticos.

Biderman acredita ser o léxico toda a experiência acumulada pelo povo durante sua existência. Conforme a autora (1978, p. 139):

Qualquer sistema léxico é a somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa mesma sociedade funcionam como sujeitos-agentes no processo de perpetuação e reelaboração contínua do léxico de sua língua.

Pretende-se apontar, desse modo, como os estudos do léxico mostram a relação existente entre o homem, a cultura e o local onde se inserem, por meio de um estudo linguístico-cultural na região tendo como foco o mundo rural.

2. *Ocupação e povoamento do Vale do Jequitinhonha*

O povoamento do Vale do Jequitinhonha se concretizou ainda na época em que o Brasil era uma colônia de Portugal. Tal processo se deu com a descoberta de ouro e de pedras preciosas nas imediações da região que hoje se tornou Diamantina e também no Serro, ambas localizadas no Alto Jequitinhonha.

A partir da descoberta, teve início um longo processo de ocupação e criação de povoados, que se tornariam mais tarde importantes municípios.

Naquela época, os caminhos e os cursos dos rios funcionavam como vias de comunicação entre as regiões e as localidades que haviam começado a se constituir. Rios como o São Francisco, o Pardo, o Jequitinhonha, o Doce e o Mucuri serviam como vias naturais e eram por eles onde mais facilmente podia se chegar ao sertão. Por esses caminhos a riqueza que era explorada da terra escoava e também por eles entravam os diversos produtos que abasteciam a população, cada vez mais numerosa.

Para Nunes:

...a descoberta do ouro resolvia um problema antigo, que persistia para a Coroa desde o início da colonização brasileira: atrair e fixar grandes contingentes humanos no interior do Brasil, possibilitando, inclusive, o estabelecimento de uma grande via interior, que foi o caminho da Bahia para as Minas Gerais. (LIMA JR apud NUNES. 2001, p. 22)

A região do Vale do Jequitinhonha estava localizada em uma posição estratégica entre dois importantes centros históricos e econômicos da época, Salvador e Rio de Janeiro. Foi a partir de três importantes centros econômicos daquela época, a saber, Arraial do Tejuco, atual Diamantina, Araçuaí e Minas Novas que se iniciou a ocupação da região do Jequitinhonha, cujo centro dinâmico passava a ser o Arraial do Tejuco.

A descoberta de diamantes, por Bernardo da Fonseca Lobo, em 1729, permitiu o desenvolvimento da atual cidade de Diamantina. A localidade, que viria a ser o Arraial do Tejuco, tornou-se uma área de in-

tenha circulação de garimpeiros, pois o interesse pelas pedras era, de certa maneira, bem maior do que o desejo pelo ouro. Mesmo após a decadência da mineração, esse centro foi capaz de manter um dinamismo próprio e contribuir para o desenvolvimento de localidades vizinhas.

A cidade de Araçuaí começou a se despontar no Médio Jequitinhonha por estar em posição geográfica privilegiada e integrar a rota do comércio dentro e também fora da região.

Minas Novas como um dos centros econômicos já se destacava desde o século XVIII. Seu povoamento teve início com a descoberta de ouro e diamantes, no ribeirão Bonsucesso, por bandeirantes paulistas, por volta de 1727. A importância econômica da localidade foi muito grande e por muitas vezes chegou a se cogitar a indicação de Minas Novas para a capital da Capitania.

Mais tarde, quando o setor da mineração começou a entrar em crise, parte da população do Alto Jequitinhonha migrou para outros centros urbanos formados, ocupando trechos do Médio e do Baixo Jequitinhonha, principalmente ao longo dos rios Jequitinhonha e Araçuaí.

3. Termo das Minas Novas – breve história

Minas Novas teve sua fundação em 19 de junho de 1727 pelo bandeirante paulista Sebastião Leme do Prado.

Leme do Prado e outros bandeirantes, fugindo de uma epidemia na região do Rio Manso, seguiam rumo ao norte atravessando os rios Araçuaí e Itamarandiba, quando desviaram sua bandeira à procura do rio Fanado. Durante muitos dias tentaram, sem sucesso, encontrar ouro nas areias do rio.

A expedição por novas descobertas, que havia começado por volta de 1726, teve fim quando o bandeirante e seus companheiros chegaram às margens de um ribeirão, onde encontraram ouro em grande quantidade.

Pouco depois, o ribeirão recebeu o nome de ‘Bom Sucesso’. E ao povoado que ali se formou foi dado o nome de ‘Arraial das Lavras Novas dos Campos de São Pedro do Fanado’. Um ano e meio depois de iniciada a fundação do arraial, já se encontravam na região cerca de quarenta mil pessoas, dentre negros e colonos vindos de Salvador e do Sertão.

Após a descoberta, Sebastião Leme do Prado desejou informar o governo da Capitania de Minas Gerais sobre as novas minas, mas alguns bandeirantes paulistas, chefes de bandos de criminosos que dominavam o sertão da Bahia, obrigaram-no a relatar a descoberta ao governo da Bahia.

O então governador de Minas, D. Lourenço de Almeida, por ordens do rei de Portugal, determinou, em 20 de maio de 1729, que o novo arraial ficasse sob a jurisdição da Bahia. Em 21 de maio de 1729, determinou a criação da ‘Vila de Nossa Senhora do Bonsucesso de Minas Novas do Araçuaí’.

Em 1736, foi criada na vila a Intendência do Ouro. Naquela época, era muito comum o aparecimento e o desvio de diamantes na região. Por causa desses acontecimentos, concedeu-se, em 10 de maio de 1757, alvará que incorporava novamente a vila à Capitania de Minas Gerais, que ficara então sob a jurisdição do Ouvidor da Comarca do Serro Frio, mas eclesiasticamente ligada à Diocese de Jacobina, da Bahia. Em nove de março de 1840, por meio de uma provincial, foi elevada à categoria de município com o nome de Minas Novas.

4. *Domínio da pesquisa*

O interesse em estudar o vocabulário rural na região de Minas Novas, deve-se em parte à constatação de que é fundamental o estudo que não aborde pura e simplesmente a dimensão linguística da palavra, mas também a dimensão social em que ela se encontra, o que pode evidenciar os seus aspectos culturais.

A escolha da região de Minas Novas para a realização da pesquisa deve-se, primeiramente, ao fato de não haver sido feito um estudo do léxico naquela região.

Outro aspecto relevante para que tal estudo seja feito refere-se ao fato de a região, por estar localizada próximo aos limites entre Minas Gerais e a Bahia, levar a crer que o dialeto local esteja sujeito à influência do falar baiano. A realização desse tipo de pesquisa, portanto, seria importante para a descrição tanto do falar mineiro quanto do falar baiano.

Também nos levam a propor o estudo do léxico da região asserções feitas pelo pesquisador João Valdir Alves de Souza (2003) em arti-

go publicado na revista *Unimontes Científica*, no qual trata da ocupação do território no Vale do Jequitinhonha:

Em relação ao espaço, predomina a produção e difusão de conhecimento sobre determinadas regiões (Serro, Diamantina), sendo bastante escasso o conhecimento sobre outros lugares (toda a região de que Minas Novas constituiu-se como centro histórico).

Ainda segundo o mesmo autor (Alves de Souza, 2003):

Em relação ao tempo, há uma grave lacuna historiográfica no que se refere ao século XIX e à primeira metade do século XX, na região que compreendia o termo de Minas Novas, o que compromete uma visão de maior alcance sobre a história local. Raros são os trabalhos que abordam esse período histórico.

No que se refere à história da região, ainda são poucos os estudiosos que pesquisaram a fundo a história e a ocupação daquele território, e ainda mais escassos, ou quase inexistentes, são os estudos que abordam a língua em conjunto com a história e a cultura na região de Minas Novas. De todos os estudos linguísticos feitos na UFMG, por exemplo, são pouquíssimos os que abordam os aspectos histórico-culturais do Vale do Jequitinhonha.

Por tratar-se de um trabalho que abordará o estudo lexicográfico, sobretudo, e envolve dessa maneira sociedade e cultura locais, deverá dar-se valor ao aspecto histórico da região pesquisada, a fim de ser feito estudo bem elaborado e fundamentado do léxico da região.

Outra razão de interesse para um estudo linguístico nesse sentido é o fato de a região nos ser familiar. A familiaridade com uma determinada região beneficia o processo de entrada em suas 'redes sociais', permitindo ao pesquisador um bom conhecimento e aprofundamento na cultura de uma determinada comunidade; para a região em questão, fácil entrada no convívio social de seus membros.

Ressalta-se dessa maneira a importância de um estudo linguístico que tenha como foco o léxico e contribua à descrição da língua portuguesa contemporânea do Brasil.

5. Pressupostos teóricos e pesquisa de campo

Este trabalho prevê, inicialmente, a realização de pesquisas bibliográficas acerca do estudo da variação linguística. A fundamentação teórica deverá ser feita a partir da leitura de diversos autores que abordam o

léxico e a relação existente entre cultura, língua e sociedade em campos de saberes como o da sociolinguística (LABOV, 1972; e MILROY, 1992); da lexicologia, com a Teoria dos Campos Lexicais (BIDERMAN, 1978, 1998 e 2001; e COSERIU, 1977); na antropologia linguística (DURANTI, 2000; e HYMES, 1964), e no conceito de região cultural (DIÉGUES Jr., 1960).

Partindo da metodologia sugerida por Labov (1982), foram feitas entrevistas orais com 20 moradores da zona rural da região de Minas Novas. Após a transcrição de tais entrevistas, será feito o levantamento do léxico que melhor reflita a cultura local e posterior análise diacrônica das formas encontradas. Será feita também pesquisa em dicionários para se verificar a existência ou não das lexias na língua portuguesa no período compreendido entre os séculos XVIII e XX.

Por se tratar de uma pesquisa sociolinguística a realização das entrevistas não constou de um questionário com perguntas previamente estabelecidas, mas todas as entrevistas seguiram um roteiro mais ou menos pré-definido que deveria permear por entre assuntos relativos à vida no campo.

A coleta e transcrição de dados seguiram as normas estabelecidas pelo projeto 'Pelas trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais', projeto da Faculdade de Letras da UFMG.

Para a seleção dos informantes as normas preveem que, em condições ideais, o falante deve ter idade igual ou superior a setenta anos; ser oriundo preferencialmente de localidades rurais; ter nascido ou passado a maior parte de sua vida na região que está sendo estudada e ter baixo grau de escolaridade ou ser analfabeto. A escolha de tais informantes deve-se ao fato de o vocabulário usado por pessoas enquadradas nesse perfil tender a mostrar um léxico mais próximo ao vernacular, além de revelar possíveis retenções linguísticas.

6. *Alguns exemplos de lexias encontradas*

Bizungo s.m. Espécie de pavio embebido em azeite usado na iluminação de casas.

Não tinha luz não. Era bizungo. Fazia, discascava a mamona e socava com algodão e fazia aqueles bizungo assim pra lumidá. Outra hora era azeite. Fazia aqueles pavio assim e moiava no azeite e punha a candeia um trem de bico assim de fazer candeia. Entrevista 12

Buião s.m. Jarra de barro.

*Eu sabia fazê panela... Eu sabia eu fiz muita panela, fazia prato, fazia aquele **buiãozim** que a gente chama **pichorra** de por café.* Entrevista 12

Jiqui s.m. Cesto Longo e afunilado, de varas finas e flexíveis, para apanhar peixe.

*O **jiqui** é cumprido assim o peixe entra dentro. Malaquias que fazia aquele trenhão cumprido assim pro peixe entrá pra dentro.* Entrevista 15

Manaíba s. f. Mandioca.

*Mas minha ideia é mexê no quintal aí ó... Ai tem que eu prantei **manaíba**, prantei, tem um tanto de coisa prantada, agora mesmo eu prantei um tanto de coisa aí eu pranto quiabeiro, abrobera.* Entrevista 12

Marimba. s.f .1. Abóbora verde.

*Esse ano mesmo agora, de mês de outubro pra cá, eu mudei pra cá mês de outubro e eu comi foi abroba aqui do quintal... Abroba de porco, abroba d'água, **marimba**.* Entrevista 12

Mutamba s.f. Árvore que produz flores amarelas e frutos redondos, de cor escura, cujas sementes são comestíveis e têm propriedades medicinais. Suas folhas são usadas na alimentação do gado. Da sua casca se extrai fibras usadas na confecção de cordas e objetos artesanais.

*A garapa escurria na bica e saia lá no cocho, lá na noranda . Ai depois punha no tacho escumava aquilo tudo e ia bateno, punha a **mutamba**, punha tudo e ia bateno o tacho pra num derramá, cum pouco virava melado.* Entrevista 14

Pichorra s.f Pequeno jarro de barro com bico.

*Eu sabia fazer panela ... Eu sabia eu fiz muita panela , fazia prato, fazia aquele **buiãozim** que a gente chama **pichorra** de pô café.* Entrevista 12

Pituba s.f. Bolo preparado com fubá, leite, açúcar, ovos assado na folha de bananeira.

*Hoje nos vamos fazê é uma **pituba**. Chamava **pituba** de foia de banana. Pega a foia de banana sacudia, sapecava ela temperava a massa e punha assim ó enrolava, enrolava ,enrolava. Quem tinha laje prá pô dentro punha. Quem não tinha punha no chãozim lá do forno, do forno à lenha. Quando aquilo arrosava tirava e ficava comeno.* Entrevista 16

7. Considerações finais

É notável a importância do léxico na cultura de um povo. Graças aos estudos lexicais, ou seja, o estudo do vocabulário usado por cada um desses povos é possível conhecer a identidade de uma determinada população.

Nesse sentido, os estudos lexicais contribuem para a conservação da memória de um povo, na medida em que a língua preserva o que lhe há de mais particular, o que o distinguirá de qualquer outra população. A língua, em seu léxico, mostra as suas maiores particularidades e especificidades de um determinado local. Conhecer o léxico de uma determinada região é a porta de entrada para ser conhecida a cultura, costumes e crenças daquele povo.

O estudo do léxico faz-se, dessa maneira, de extrema importância, por ser a área da linguística aquela que desempenha o papel de revelar aspectos culturais e sociais de um determinado povo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, I.M. *Neologismo: criação lexical*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- ALVES DE SOUZA, João Valdir. Fontes para uma reflexão sobre a história do Vale do Jequitinhonha. *Revista Unimontes Científica*, V. 5, n. 2. Montes Claros, jul./dez.2003.
- BIDERMAN, M.T.C. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978, p. 19.
- BIDERMAN, M.T.C. As ciências do léxico. In: *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 1998.
- BIDERMAN, M.T.C. *Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- COHEN, M. A. A. M. et al. Filologia Bandeirante. In: *Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1997.
- DIEGUES Jr., M. *Regiões culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1960.
- DIEGUES Jr., M. *Etnias e culturas no Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1952.
- p. 1983 *Cadernos do CNLF*, Vol. XV, Nº 5, t. 2. Rio de Janeiro: CIEFEL, 2011

DURANTI, A. *Antropologia linguística*. Trad. espanhola: Pedro Tena. Madrid: Cambridge University Press, 2000.

GRANDE Minas Novas (de Rafael Paiva). Minas Novas e sua história. Disponível em: <<http://www.grandeminasnovas.hpg.com.br/historia/historia.htm>>. Acesso em: 19-08-2010.

HYMES, D. *Language in culture and society*. A Reader in Linguistics and Anthropology. New York: Harper and Row, 1964.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: Pennsylvania University Press; Oxford: Blackwell, 1972.

LABOV, W. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Yakov. (Eds.) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1982, p. 17-92.

LABOV, W. *Principles of linguistic change*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

MOURA, Antonio de Paiva. O Jequitinhonha na história de Minas. Disponível em: <http://www.asminasgerais.com.br/?item=CONTEUDO&codConteudoRaz=38&codConteudoAtual=154>. Acesso em: 15/09/2010.

NUNES, Marcos Antônio. Matos. Ralfo. E. S. *Estruturação e reestruturas territoriais da região do Jequitinhonha em Minas Gerais*. Dissertação de mestrado. IGC, UFMG. Belo Horizonte, 2001.

OLIVEIRA, Sandra Ramos de. *Léxico, cultura, tradição e modernidade: um retrato sociolinguístico do Congado Montes-Clarense*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras, UFU. Uberlândia, 2009.

RIBEIRO, Gisele Aparecida; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *O vocabulário rural de Passos/MG: um estudo linguístico nos Seretões do Jacuhy*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras, UFMG. Belo Horizonte, 2010.

SEABRA, M.C.T.C. de. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da região do Carmo*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – UFMG – Belo Horizonte.

SEABRA, M.C.T.C. (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

SOUZA, Vander Lúcio de. Caminho do boi, caminho do homem: o léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras, UFMG. Belo Horizonte, 2008.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1985.